

FUNCIONALISMO E TRADUÇÃO LITERÁRIA – A INTENÇÃO DO AUTOR NO PROCESSO DE TRADUÇÃO LITERÁRIA

Alice Borges LEAL

intenção: 1. aquilo que se pretende fazer; propósito, plano, idéia 2. aquilo que se procura alcançar, conscientemente ou não; propósito, desejo, intento (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa)

RESUMO: No âmbito do modelo de análise textual orientada à tradução, da funcionalista alemã Christiane Nord, a intenção do emissor do texto de partida tem um papel importante na produção da tradução. Tal noção de intenção deriva sobretudo da *Skopostheorie* de Hans J. Vermeer, que define a tradução como uma ação humana, e, portanto, necessariamente intencional. O presente artigo examina como a dimensão da intencionalidade se configura na tradução literária, dando ênfase especial à intenção do autor. Além das idéias dos funcionalistas (REIß, VERMEER e NORD) será levado em consideração um projeto de tradução literária realizado com base no modelo Nord (LEAL 2005).

PALAVRAS-CHAVE: Tradução literária; modelo de análise textual orientada à tradução, de Christiane Nord; *Skopostheorie*; intenção.

ABSTRACT: Within the scope of the model of text analysis in translation devised by the German functionalist Christiane Nord, the sender's intention plays an important role in the translation process. Such notion of intention derives from Hans J. Vermeer's *Skopostheorie*, in which translation is understood as a human action, and therefore necessarily intentional. In the present article, I shall examine the issues surrounding intentionality in literary translation, taking into account the ideas of Nord, Vermeer and Reiß. In addition, I will use my literary translation project, in which I rendered three English contemporary short-stories into Portuguese by using Nord's model (LEAL 2005).

KEY WORDS: Literary translation; Christiane Nord's model of text analysis in translation; *Skopostheorie*; intention.

1. Primeiras considerações

A noção de intenção no funcionalismo alemão é primeiramente introduzida por Hans J. Vermeer, em seu *Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie*, de 1978. Tal noção deriva da definição de tradução, que é uma ação humana, e portanto intencional e repleta de propósitos (VERMEER, 1989, 224). No âmbito da sua *Skopostheorie*, a necessidade de se deslocar o foco, no ato tradutório, do texto de partida ao *escopo* da tradução, i.e. ao propósito comunicativo da tradução, implica num destronamento do texto de partida, que passa a ser uma oferta de informação (ou *Informationsangebot*), apenas. Isso significa que, para o teórico, o texto original em si não possui respostas necessárias no ato tradutório, e por isso precisa ser considerado no âmbito da situação cultural que o condicionou. De maneira similar, a tradução deverá privilegiar o contexto em que o texto de chegada será recebido, dentro do qual o próprio receptor de chegada tem papel central. Outra consequência direta deste *destronamento* do texto de partida é a mudança do *status* do texto de chegada, que deixa de ser necessariamente uma imitação de um original (*necessariamente* porque o possível escopo de uma tradução pode ser a imitação do original), podendo receber o *status* de obra independente, original por si só (VERMEER, 1989, 221). É importante lembrar que além do contexto cultural e do receptor de chegada, outro elemento fundamental da *Skopostheorie* é o propósito que a tradução busca alcançar, como já apontado acima. Em termos mais práticos, trata-se do encargo ou projeto de tradução (ver 2.1 abaixo) que norteará e justificará as decisões tradutórias, determinando o nível de preservação e adaptação dos elementos do texto de partida no texto de chegada (NORD [1988], 2005, 33).

2. O modelo de análise textual orientada à tradução, de Christiane Nord

2.1. Panorama

Christiane Nord, em seu modelo de análise textual orientada à tradução¹ (NORD [1988], 2005), retoma as idéias de Vermeer, visando sistematizá-las, tornando-as aplicáveis tanto à prática tradutória em si, quanto à formação de tradutores. Tendo os mesmos princípios fundamentais de Vermeer, Nord propõe um amplo modelo de análise textual que auxiliará o tradutor na hora da tradução. Tal modelo é dividido em duas grandes seções, a saber: os elementos extratextuais (que devem ser analisados antes mesmo da leitura do texto, visto que se referem à situação em que o texto foi produzido) e os elementos intratextuais (que se referem ao texto em si).

A noção de ação humana, intencional e dotada de propósitos é aplicada agora também à situação de produção do texto de partida, no âmbito dos fatores extratextuais. Texto é definido como “*a communicative action which can be realized by a combination of verbal and non-verbal means*” (NORD 2005, 16), e daí vem a necessidade de se considerar a intenção do emissor do texto de partida, já que ele certamente teve alguma intenção quando produziu seu texto. Nord acrescenta ainda que “*As a product of the author’s intention, the text remains provisional until it is actually received (...) the text as a communicative act is completed by the receiver*” (idem, 18). Nesse contexto, o tradutor é entendido como um “*text producer in the target culture who adopts somebody else’s intention in order to produce a communicative instrument for the target culture*” (id., 13).

Percebe-se, portanto, que intenção aqui tem uma natureza dúbia: refere-se tanto à intenção que teria dado origem ao texto de partida, quanto à intenção por trás de todo ato tradutório, geralmente pertencente ao iniciador do processo de tradução, e explicitada (idealmente) no projeto ou encargo tradutório. Deve-se distinguir entre projeto² e encargo (ou *Übersetzungsauftrag*)³, uma vez que no primeiro caso, é o próprio tradutor quem inicia o processo de tradução. Logo, são as suas intenções e propósitos comunicativos que ajudarão a compor tal projeto. Um encargo, por sua vez, é uma tarefa recebida pelo tradutor, que deve respeitar as intenções e propósitos comunicativos do iniciador do processo de tradução. De todo modo, a questão da intenção do iniciador do processo tradutório - seja ele o próprio tradutor, ou um editor, ou mesmo uma empresa - terá grande impacto no processo de tradução.

2.2. A intenção do emissor do texto de partida no modelo Nord

A intenção do emissor do texto de partida especificamente é apresentada como o segundo fator extratextual, intitulado “*sender’s intention*”. Tal fator é considerado separadamente da dimensão do próprio “*sender*”, que é o primeiro dos fatores extratextuais. Nord salienta que, antes de mais nada, a distinção entre *intenção*, *função* e *efeito* precisa ficar clara, uma vez que esses conceitos são freqüentemente confundidos, ou até mesmo considerados equivalentes por certos teóricos. A *intenção* é sempre definida do ponto de vista do emissor do texto de partida, que pretende alcançar um certo propósito com o seu texto. O *efeito*, por sua vez, é sempre definido do ponto de vista do emissor, uma vez que “*the best of intentions does not guarantee that the result will conform to the intended purpose*” (idem, 53). É a recepção do texto que completará o ato comunicativo, estabelecendo o *efeito* que o texto terá para um determinado receptor. A dimensão da *função* do texto, por fim, é definida externamente, antes da recepção. Pode-se dizer que determinados tipos de texto estão convencionalmente associados a determinadas *funções*⁴ (ver 1.1.1 acima).

Logo, nota-se que a intenção é de fato considerada uma espécie de “*teleological anticipation*” (NORD 1997, 84), por parte do autor, do efeito que seu texto terá nos receptores. Nord enfatiza que, idealmente,

¹ Doravante o modelo será intitulado *modelo Nord*, simplesmente.

² O termo *translation project* não é utilizado no âmbito do funcionalismo alemão. Para mais informações, ver CARDOZO (2004) e LEAL (2005).

³ Traduzido por Vermeer por “*translation commission*” (VERMEER, 1989), e por “*translation brief*” por Christiane Nord (NORD, 1997).

⁴ “Se um emissor contrata um produtor de texto, por exemplo, para produzir um texto informativo, como um panfleto acerca dos parques de Curitiba, a fim de atrair turistas e visitantes em geral, pode-se dizer que a função do texto é informativa e a intenção do emissor é estimular o interesse e chamar a atenção dos receptores para as belezas dos parques. Já o efeito, entretanto, só poderá ser definido após a leitura. Ele pode tanto coincidir com a intenção do emissor — nesse caso, dizemos que o emissor foi bem-sucedido — ou diferir por completo, dependendo, sobretudo, do receptor do texto — suas intenções, expectativas e necessidades” (LEAL 2005, 12).

essas três dimensões (intenção, efeito e função) são congruentes, e que no caso da tradução, é impossível mantê-las todas intactas – i.e. para que se preserve a intenção do autor, por exemplo, a função e o provável efeito do texto de chegada serão diferentes daqueles do texto de partida. A teórica não afirma que a intenção do autor deve ser sempre preservada na tradução, mas seu conceito de lealdade na tradução deriva justamente do respeito à intenção do autor, de modo que o tradutor não deve agir contrariamente a ela. É essencial salientar que Nord inclui uma importante observação condicional entre parênteses logo após a definição de lealdade exposta acima, que diz “*if it [the intention] can be elicited*” (NORD 2005, 54). Portanto, ao mesmo tempo em que essa intenção do autor deve ser identificada e respeitada, a autora concede que a impossibilidade de determiná-la com exatidão pode existir.

Nord sugere que o tradutor esgote todas as possibilidades de acesso à intenção do autor. O primeiro instrumento a ser utilizado para tal fim é o próprio texto, por meio da análise dos fatores intratextuais. Ademais, os outros fatores extratextuais (emissor, receptor, meio, local, tempo da comunicação e função textual) também podem contribuir para que se chegue ao provável propósito que o texto teria na mente do seu emissor. Dentre os fatores extratextuais, a função textual é indubitavelmente o mais produtivo na busca da intenção, já que determinados gêneros textuais estão associados convencionalmente a determinadas intenções e propósitos.

Ao abordar especificamente a intenção do autor na tradução literária, Nord afirma que se trata de uma questão delicada, posto que não há nenhuma convenção que associe o gênero literário a uma determinada função e, conseqüentemente, intenção. Nesse caso, a teórica recomenda que se examine a biografia do autor, os eventos que teriam influenciado seu trabalho, sua classificação e *status* literário, bem como suas outras obras. Por vezes, há pára-textos que nos informam explicitamente da intenção do autor em certos textos, tais como prólogos, prefácios e posfácios. Nord ressalta que o tradutor deve obter no mínimo a mesma quantidade de informação acerca do autor que os receptores do texto teriam, não como um “*a literary scholar, but certainly (...) of a ‘critical receiver’*” (idem, 56).

2.3. A aplicação do modelo Nord à tradução literária

No capítulo 5 da obra *Translating as a Purpuseful Activity* (1997), Nord sugere a aplicação de seu modelo de análise textual à tradução literária, descrevendo o processo passo a passo. No caso da tradução literária, a intenção do autor é considerada como um dos elementos que comporão a literariedade do texto. Para Nord, a literariedade é “*first and foremost a pragmatic quality assigned to a particular text in the communicative situation by its users*” (NORD 1997, 82). Contudo, além dessa *decisão*, por parte do receptor, de ler o texto literário como tal (por conta dos fatores extratextuais), há ainda os fatores intratextuais, que apesar de não poderem ser considerados literários por si sós (uma vez que o uso criativo da língua pode ser encontrado em outros tipos de texto também), claramente indicam a *intenção literária* do autor aos seus leitores (idem). A despeito da suposta inexistência de um propósito comunicativo na produção de textos literários, defendida por muitos teóricos, a autora sustenta que há intenções comunicativas por parte de autores de textos literários, visto que todo texto literário, ainda que tenha sido escrito sem um propósito ou intenção específicos, é sempre minimamente direcionado a um certo público, indicando portanto que houve alguma “*antecipação teleológica*” por parte do autor. Em suma, o que distingue a comunicação interativa literária da não literária são justamente esses dois elementos, a saber: a intenção literária do emissor (ao menos de produzir um texto literário) e a expectativa literária do receptor (que decide receber um texto como literário de acordo com convenções culturais).

Em termos mais práticos, Nord coloca a intenção do autor como o princípio orientador das escolhas textuais (ou elementos intratextuais), tais como o assunto do texto, o uso de léxico, as estruturas frasais, etc. Para fins de tradução, o tradutor, como um dos possíveis receptores do texto, tem a sua leitura particular, e deve tentar inferir do texto e de outras fontes secundárias (como já explicado acima) a intenção do autor. Todavia, a autora admite que a ambigüidade do código literário permite inúmeras leituras diferentes de um mesmo texto, o que não significa que ao enumerá-las o tradutor deva tentar determinar qual delas seria de fato a intenção original do autor. Com efeito, Nord relativiza significativamente o valor da intenção do autor, afirmando que “*what is actually translated is not the sender’s intention but the translator’s interpretation of the sender’s intention*” (id, 85).

Não obstante tal relativização, a autora descreve uma situação ideal de tradução literária como aquela em que

authors anticipate their readers’ background knowledge correctly and succeed in verbalizing their intention in the text. Text function and sender intention may thus be

identical. In a translated text, any such identity of intention and function requires the following conditions: the translator has interpreted the sender's intention correctly; the translator succeeds in verbalizing this interpretation in such a way that it can, in turn, be interpreted correctly by the target receivers⁵ (...) (id., 86, grifo meu).

Na seqüência, ainda no exercício de aplicação do seu modelo à tradução literária, a teórica elabora requisitos de equivalência entre texto de partida e texto de chegada, dentre os quais o primeiro enuncia que “*The translator's interpretation should be identical with the sender's intention*” (id. 89). Ao elaborar melhor tal requisito, Nord reconhece novamente a pluralidade interpretativa de um texto literário, e conclui o assunto dizendo que “*Since different readers will interpret the original differently, translators should have the right to translate their interpretation of the text (after thorough investigation, of course)*” (id.).

Ainda dentro da mesma obra (NORD, 1997), há um capítulo inteiramente dedicado à discussão e resposta às críticas recebidas pelo modelo de análise textual voltada à tradução. A primeira crítica refere-se justamente ao objeto deste artigo, a saber: “*Not all actions have an intention*” (id., 109). Nord utiliza as idéias de Vermeer para dar conta de tal questão, enfatizando sobretudo o argumento do teórico de que ações realmente não têm um propósito em si, mas são interpretadas como propositadas e intencionais pelos participantes na situação comunicativa. Ademais, acrescenta que toda ação é sempre resultado de uma decisão consciente entre inúmeras maneiras de agir diferentes - ainda que essa decisão seja apenas entre o *agir* e o *não agir*.

2.4. O modelo Nord e um projeto de tradução literária

Quando aplicado, então, à tradução literária (LEAL, 2005, 50-73) — neste caso, a tradução dos contos ingleses contemporâneos “*Nothing has Changed*” (THUBRON, 1987), de Colin Thubron, “*Shopping for One*” (CASSIDY, 1987), de Anne Cassidy e “*The Spaces in Houses*” (VERMES, 2000) de Vivienne Vermes — o modelo Nord oferece um abrangente estudo do texto. Por meio das perguntas sugeridas para cada um dos fatores analisados, é possível dar conta das peculiaridades de cada texto, norteadas e vinculadas às decisões tradutórias umas às outras. O aspecto mais efetivo do modelo Nord é, certamente, a sensação de respaldo tradutório, que deriva, por um lado, das especificações do projeto de tradução e, por outro, da abrangente e minuciosa rede de relações das características textuais e situacionais que advém do modelo em si, e sua estrutura de perguntas objetivas (LEAL, 2006, 3). A noção de projeto ou encargo tradutório, enquanto um esquema detalhado que determina a função e o propósito da tradução, assim como todas as implicações que resultam da provável recepção do texto de chegada, reduzem o leque de opções tradutórias, otimizando o trabalho do tradutor e justificando grande parte das suas escolhas. Ademais, para além do âmbito do projeto de tradução, é preciso considerar ainda que cada decisão tradutória está inserida numa complexa malha de relações, de modo que cada opção parece justificar-se ou excluir-se com base nas escolhas anteriores e posteriores. Mais que simples idiosincrasias, como muitos insistiriam em considerar as decisões tradutórias, as escolhas dos tradutores passam a ser parte de um grande jogo de relações, cujas regras e princípios foram determinados anteriormente, com precisão.

Há, contudo, alguns aspectos que parecem fazer mais sentido quando falamos de textos não literários, e que quando aplicados a textos literários adquirem um caráter supérfluo ou, mais freqüentemente, até mesmo infactível. Este é o caso sobretudo do fator extratextual intitulado *intenção do emissor*, objeto central do presente trabalho. Uma pequena entrevista foi feita com os autores, na qual uma das questões referia-se à intenção que tiveram ao produzir o conto em questão (LEAL, 2005, 117). Todos eles se demonstraram assaz reticentes diante de tal questão, afirmando que pretendiam contar uma história, criar personagens com os quais os leitores pudessem se identificar e expressar sentimentos e experiências vividas por eles. Tais comentários corroboram a idéia de Vermeer de que há intenções por trás de todo ato comunicativo, ainda que tais intenções sejam sutis, e denotem decisões entre *o escrever um texto literário* e *escrever um texto não literário*, por exemplo. Ademais, nenhum dos autores disse esperar que seus contos fossem recebidos ou interpretados de uma determinada forma, e todos reconheceram que são as experiências e expectativas do próprio leitor que serão cruciais na formação da interpretação do texto. Mais uma vez, a idéia de Vermeer de texto como “oferta de informação” é verificada na prática. Pode-se afirmar, portanto, que a dimensão da intenção do emissor, quando tomada no âmbito de um projeto de tradução literária, ajuda a confirmar o

⁵ Essa afirmação contradiz a opinião de Vermeer, que afirma que “*daß beim Ausgangstext zwischen dem, was dort enkodiert sei, und dem, was der Produzent (Sender) damit habe mitteilen wollen, und dem, was der Rezipient (hier also der Translator) verstanden habe, zu unterscheiden sei*” (REIB e VERMEER, 1984, 42).

óbvio, i.e., que os autores pretendiam escrever um texto literário. *Óbvio* porque todos os três contos foram publicados em antologias de contos de autores do Reino Unido, indicando que se tratavam de textos literários.

Houve dois casos curiosos, porém, que levaram a questão da intenção do emissor às últimas consequências. O primeiro deles refere-se a Anne Cassidy, escritora do conto “*Shopping for one*”. Malgrado a natureza extremamente prosaica do texto, duas passagens continham elementos formais da poesia: “*family-size cartons of cornflakes and giant packets of washing-powder*” e “*Brown bread and peppers, olive oil and lentils*” (CASSIDY, 1987). De fato, tais frases sobressaíam às restantes por possuírem perfeita métrica. Quando questionada acerca desse recurso poético, Cassidy afirmou não tê-los produzido intencionalmente, e nunca tê-los percebido em seu texto.

Outro exemplo curioso oriundo desse contato com os autores dos contos traduzidos refere-se ao seguinte trecho do conto “*The Spaces in Houses*”, de Vivienne Vermes (VERMES, 2000, grifo meu):

You like all that. You like the village, too, with its trout farm and white wrought-iron tables spread under the plum trees, with its tea-rooms and Tudor mansion and its two ghosts. You like all this, after the city. It had been time to leave the capital. It had been good to you when you arrived, years ago. Of late, it had turned sour, the pavements all dog-shit and vomit, the beggars everywhere (...)

Dentro do contexto do conto, o trecho em destaque poderia significar tanto que a personagem gosta da cidadezinha, mas prefere a cidade grande à cidadezinha, quanto que ela gosta da cidadezinha considerando todas as experiências negativas que tivera anteriormente na cidade grande. Ainda que esta não seja uma questão crucial ao conto, ela ajuda a definir se a protagonista está ou não contente com sua vida de casada na cidadezinha, o que por sua vez é um fator importante. Felizmente, em português a tradução “depois da cidade” não desambigüiza a questão, permitindo as duas leituras igualmente. A título de curiosidade, entretanto, questionei a autora quanto a tal ambigüidade, que me disse não havê-la produzido intencionalmente, e que a alternativa que ela tivera em mente ao escrever o texto era a segunda.

Em ambos os exemplos, se considerarmos o texto como produto da intenção do autor, o tradutor teria de apagar tanto os recursos poéticos quanto a ambigüidade dos textos, mantendo somente a leitura oriunda da intenção do autor. Ora, mas se esses recursos poéticos e essa ambigüidade de fato estão presentes do texto, não faria mais sentido preservá-los? Seria o autor o detentor de todas as respostas às perguntas presentes no texto? E se tal contato tradutor-autor não fosse possível, seria a tradução literária igualmente impossível? Nesses casos específicos, em que foi possível localizar um desdobramento pontual da intenção do autor, cujo impacto se manifesta sobre a microestrutura do texto, a intenção do autor parece não contribuir à produção do texto de chegada. O fator central que determinará a decisão tradutória será a interpretação que o próprio tradutor faz do texto (sempre com vistas aos outros elementos intratextuais e extratextuais, obviamente).

Como se pode notar, os próprios emissores dos textos de partida parecem incertos quanto às suas intenções específicas ao produzirem seus textos, o que de certa forma corrobora a crítica de que nem toda ação tem uma intenção. A despeito disso, percebe-se que há intenções por detrás da produção de cada um dos textos, ainda que tais intenções sejam superficiais, sem aparente ligação direta com a microestrutura dos textos. Porém, o que parece ser mais importante do que isso é o fato de que as declarações dos autores dos contos acerca das suas intenções não contribuíram para a confecção do texto de chegada, já que elas foram um tanto gerais e óbvias, e até mesmo inúteis, simplesmente. Mesmo no caso em que foi identificado um desdobramento pontual da intenção dos autores, isso não contribuiu para a produção do texto de chegada.

2.4. Considerações finais

Em suma, partir em busca da intenção do autor de um texto literário é não só ineficaz, como também inútil. Isso não significa de modo algum que o contato entre tradutores e autores não seja profícuo – são muitos os exemplos que nos mostram o contrário. Todavia, estabelecer tal questão como pré-requisito para que uma tradução seja bem feita, como um dos elementos a serem examinados à exaustão pelo tradutor parece ser uma medida equivocada.

Na obra de Christiane Nord, a intenção do emissor é abordada de diferentes maneiras, freqüentemente conflitantes. Ora, segundo a teórica, ao mesmo tempo em que o tradutor deve interpretar a intenção do autor *corretamente*, ele também tem o direito de traduzir a sua própria interpretação – dada a natureza polissêmica do texto literário -, com base em seus conhecimentos prévios e expectativas de leitor. Ao trazer o conceito de intencionalidade da *Skopostheorie* de Vermeer, Nord parece deslocar o foco da questão, já que para o teórico, a dimensão da intenção é muito cara à tradução, à produção do texto de chegada, e não tanto à do texto de partida. Para que o escopo da tradução seja definido, é preciso que haja um iniciador do processo

tradutório dotado de intenções e propósitos para tal tradução. Contudo, estender esse mesmo conceito ao emissor do texto de partida, em se tratando de textos literários, é uma questão problemática, sobretudo quando consideramos que o próprio Vermeer (e, posteriormente também Christiane Nord) atenta para a necessidade de se destronar o texto de partida em defesa do receptor, que é de fato quem complementa o ato comunicativo, quem responde às perguntas que o texto faz com base em suas experiências, conhecimentos e expectativas. Obedecer às intenções do autor (ainda que estas pudessem sempre ser declaradas de modo transparente pelos autores em todos os processos de tradução) e também às necessidades e expectativas do leitor é uma impossibilidade, como o exemplo narrado acima ilustra. Para que a intenção original do autor fosse mantida, os elementos poéticos do primeiro texto e a ambigüidade do segundo texto deveriam ser apagados; ao mesmo tempo, para que a leitura de um receptor do texto fosse considerada legítima, como o elemento que completará o ato comunicativo, tais características teriam de ser mantidas.

Essa aparente discrepância do modelo Nord não parece apontar para uma incoerência teórica, i.e. uma falha de fundamentação do modelo. Com efeito, parece tratar-se de uma deficiência terminológica, apenas. Ao falar da intenção do emissor, da necessidade de se respeitá-la, é possível que Nord referira-se a limites de interpretação, somente. Ao afirmar que o texto é apenas uma oferta de informação, que cabe à recepção complementar o texto, que cada leitura do texto é legítima, e que o tradutor pode e deve traduzir a sua interpretação pessoal (desde que se esmere para fazer tal interpretação), a autora parece estar justamente afastando a possibilidade de se privilegiar o texto de partida em si, e também as supostas intenções autorais por trás dele. A defesa da intenção do emissor parece ser uma maneira quase virtual de limitar as possibilidades de interpretação do texto, de modo a tentar não permitir que o tradutor se considere absolutamente livre para traduzir um texto da forma que melhor lhe convier. Vale lembrar que é possível fazer-se, no âmbito do funcionalismo alemão e do modelo Nord, desde de uma tradução palavra por palavra até uma tradução livre, em que o nível de preservação dos elementos do texto de partida é baixíssimo (NORD, 1997, 47-52 e NORD, 2005, 33). A presença da intenção do autor como um fator a ser considerado no processo de tradução poderia ser, portanto, uma maneira de se limitar a autonomia do tradutor. Tal hipótese parece ganhar mais força quando nos lembramos de que este modelo foi desenvolvido no final da década de 80, o que significa que teorias como a Desconstrução ou a Estética da Recepção provavelmente não foram levadas em consideração, e que uma revisão terminológica do modelo poderia dar conta das questões apontadas acima⁶

Deve-se considerar ainda que quando comparados às idéias de Vermeer, os pressupostos teóricos utilizados por Christiane Nord para fundamentar seu modelo parecem não apresentar nenhuma divergência, salvo pela questão da *lealdade*. Vermeer, ao propor o destronamento completo do texto de partida, como reação vigorosa à tradição de tradução enquanto equivalência e fidelidade ao texto de partida, desloca a noção de *lealdade* ao encargo de tradução. Visto que o texto de partida nada mais é que uma oferta de informação que só se completa por meio da recepção, não resta mais nada a que o tradutor deva fidelidade senão ao próprio encargo de tradução, de maneira muito geral (vale lembrar que sua teoria é uma teoria geral da tradução). Daí advém a impressão fortemente arraigada no contexto dos estudos da tradução de que o funcionalismo (ou mais especificamente a *Skopostheorie*) permite que o tradutor faça o que bem quiser desde que respaldado por um encargo de tradução. Para Nord, contudo, o encargo de tradução deve ser tomado na sua dimensão ética, em detrimento da dimensão geral introduzida por Vermeer. Manter-se leal ao encargo de tradução significa, segundo Nord, manter-se fiel a todos os elementos abrangidos pelo encargo, a saber: o emissor do texto de partida e suas intenções; o iniciador do encargo tradutório e suas intenções; os receptores de chegada e suas expectativas e conhecimentos prévios. Seu conceito de *lealdade*, portanto, é mais abrangente que o de Vermeer, e nele está inserida a questão da intenção do emissor do texto de partida. Tal divergência conceitual parece apontar mais uma vez para uma tentativa, por parte de Nord - ao enfatizar a dimensão da intenção do autor -, de impor limites mais precisos à liberdade do tradutor. De todo modo, é essencial perguntar-se qual a validade de se inserir um elemento que, na prática, não pode ser identificado, e que, quando identificado, não contribui à produção da tradução, mostrando-se ineficaz.

⁶ Ainda que uma nova edição revisada tenha saído no ano passado (NORD [1988], 2005)

3. Referências bibliográficas

CARDOZO, Mauricio M.: *Solidão e Encontro: prática e espaço da crítica de tradução literária*. Curitiba, 2004. 174 f. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

CASSIDY, Anne: “Shopping for One”. In: *British Short Stories of Today*. London, England, Penguin Books, 1987.

LEAL, Alice Borges: *Funcionalismo e tradução literária – o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Curitiba, 2005. 110 páginas. Monografia (Bacharelado em Letras Inglês-Português, com ênfase nos estudos da tradução,). Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

_____. *Funcionalismo e tradução literária – o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos*. Scientia Translationis, Florianópolis, vol. 2, 2006.

NORD, Christiane [1988]: *Text Analysis in Translation: theory, methodology, and didactic application of a model of translation-oriented text analysis*. Trad. por Christiane Nord e Penelope Sparrow. Amsterdam, Rodopi, 2005.

_____. *Translating as a purposeful activity: functional approaches explained*. Manchester, UK, St. Jerome Publishing, 1997.

REISS, Katharina e VERMEER, Hans J.: *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. Tübingen, Niemeyer, 1984.

VERMEER, Hans J.: “Skopos and Commission in Translational Action” (1989) in L Venuti (ed.) *The Translation Studies Reader*, London and New York: Routledge, 2000, 221-232.

VERMES, Vivienne: “The Spaces in Houses”. In: *New Writing* 9. London, England, Vintage, 2000.